

# HELDER MACEDO E SEUS CONTEMPORÂNEOS: DIÁLOGOS COM MACHADO DE ASSIS, CAMÕES E ALMEIDA GARRETT

Nayara Meneguetti PIRES\*

■ **RESUMO:** A obra de Helder Macedo – ensaística, romanesca, poética –, possui, em cada uma delas, ecos das demais. Há tempos a crítica especializada já notou reincidências, sejam elas temáticas – como o sonho e as fronteiras –, intertextuais – invocando seus autores de eleição, como é o caso de Almeida Garrett e Machado de Assis – ou metaficcionalis – incentivando questionamentos acerca da autoria ou dos limites entre o real e a ficção, por exemplo. Tais cismas evidenciam o fato de que as obras de arte não estão fechadas em si mesmas e que as muitas faces de um autor não funcionam em compartimentos estanques, alijadas umas das outras. Por isso, muitas vezes, no trabalho analítico, é preciso ir para além do texto que nos é apresentado se desejamos nadar em águas mais profundas, necessidade que se torna muito mais grave em uma obra tão autorreferente como a macediana. Objetiva-se, portanto, contribuir para compreensão da obra de Helder Macedo por meio dos ensaios que dedica a seus autores de eleição e com os quais mantém constante diálogo – tanto nos romances, quanto na poesia –, pontuando como suas escolhas intertextuais não são meros fatos estéticos, mas o posicionamento ético e político de seu autor.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Helder Macedo. Literatura Portuguesa. Intertextualidade. Autoria.

## Introdução

Adentrar a obra de Helder Macedo é, paradoxalmente, experimentar, também, a sensação de estar, constantemente, sendo lançada para fora dela. Isso ocorre, pois, quando nos deparamos no interior dessa intrincada teia de intertextualidades, metaficcionalidade e referências ao mundo exterior, nos vemos impedidos a responder ao apelo dessa voz que craveja a narrativa de relações com seus autores de eleição,

---

\* Doutora em Estudos Literários pela UFSCar – Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas. Departamento de Letras. São Carlos – SP – Brasil. 13565-905 – meneguettipires@gmail.com.

correspondências com a própria obra, dados autobiográficos e dados históricos, sempre acompanhados por reflexões que questionam os conceitos tradicionais de literatura, obra e autoria, centrados no texto em si. Por isso, o trabalho da crítica especializada é hercúleo, tanto em volume, quanto em complexidade, o que torna o presente dossiê – originado de um evento em homenagem ao escritor – seminal para que suas palavras continuem ecoando a partir da troca de ideias e experiências. Afinal, só por meio do diálogo com múltiplas vozes e pontos de vista seria possível o olhar para tão múltiplo escritor; cada qual recuperando uma peça para a engenharia reversa da compreensão, nunca acabada, desse mosaico incrustado de espelhos que é a obra macediana.

Eis, então, a peça que me cabe: o escritor. O que proponho é que olhemos para ele e para as escolhas que faz – ou seja, as opções estruturais e os autores que elege para o diálogo intertextual e para os ensaios. No entanto, não desejo olhar para tais escolhas tão somente como fatos estéticos, mas também como uma forma de posicionamento político.

Certa vez, em uma entrevista concedida ao *Jornal Público* em 2017, foi perguntado a Helder Macedo: caso escrevesse seu próprio verbete em um dicionário, qual desses predicados viria primeiro? Poeta, romancista ou ensaísta? Ele responde que diria, apenas, escritor, já que esse termo é capaz de abranger tudo. Afinal, pelas palavras do próprio: “São manifestações diferenciadas, mas que acabam por ser complementares. É a mesma pessoa que escreve, com registros diferentes e instrumentos diversos. Mesmo em ensaios sobre obras literárias, se se escolhe aquele autor e não outro, é já uma opção” (Macedo, 2017a, s/p). Peço que o leitor se fixe nessas palavras, pois retornarei a elas umas tantas vezes.

Não é preciso ir muito longe na leitura da obra de Helder Macedo para entrever a contundência dessas palavras. Lá pela segunda, ou terceira leitura, os ecos das leituras anteriores já são evidentes. Até que se tornam gritantes. Isso ocorre pela reincidência de certos temas, opções estruturais e intertextualidades: o sonho, a psicanálise, as triangulações amorosas, o sebastianismo, a colonização, a aparição de um cão ou de uma personagem chamada S., a viagem de inverno, a ópera, personagens que são duplos opostos e complementares, Camões, Machado de Assis, Almeida Garrett, Bernardim Ribeiro, a metaficcionalidade, a ironia, o oxímoro ou a transposição de incontáveis fronteiras – sejam elas as dos mais diversos gêneros literários ou aquelas que acredita-se existir entre a ficção e a realidade, tanto individual (biográfica), quanto coletiva (histórica).

Dessas recorrências, dessas cismas, dessas obsessões, tem-se, como resultado, primeiramente, um conjunto de poesias, romances e ensaios que são – em maior ou menor grau – autorreferentes, como já foi sugerido por Teresa Cristina Cerdeira (2014) (2020) e Gregorio Dantas Foganholi (2009) (2011). Cada obra, naturalmente, possui sua particularidade, pois organiza e mobiliza tais insistências (temáticas, estruturais, intertextuais) de maneira totalmente diversa: são peças, acrescidas de

mais tantas outras, para a criação de um sempre novo, mas estranhamente familiar mosaico. No entanto, essa familiaridade faz com que uma obra seja capaz de preencher os não-ditos de outra; de complementá-la; de ecoar as mesmas questões pela repetição em diferença.

Fico pensando o quanto isso não seria verdade para outros escritores, sendo Machado de Assis o primeiro que me vem à mente. Há, por exemplo, o paralelismo entre os protagonistas masculinos de *Ressurreição* (1997a) e *Dom Casmurro* (1997d), relação que muito me fascinou quando me foi apresentada em uma aula da graduação, pelo Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Wilton José Marques – especialista no assunto – da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), ou a recusa ao positivismo como constante a todos os romances, ou mesmo a mais óbvia: a reaparição da personagem Quincas Borba.

O que quero dizer com isso é que na entrevista, citada há pouco, Helder Macedo não falava apenas sobre a própria experiência, com a diferença que alguns escritores não deixam tão evidente quanto ele o fato de que “escolher aquele autor e não outro é já uma opção” (Macedo, 2017a, s/p) e que tais opções podem ser reveladoras de visões de mundo e posicionamentos políticos e literários. Em outras palavras, independente dos disfarces adotados, há sempre uma escolha a ser feita. Assim, o que se tem como consequência de tais fixações é a periclitante sensação de que “É a mesma pessoa que escreve, com registros e instrumentos diversos” (Macedo, 2017a, s/p).

Terreno pantanoso. No entanto, o problema que se apresenta ao estudioso de Helder Macedo é que esse é um terreno difícil de ser evitado, já que a autorreferência torna-se mais óbvia pela profusão de comentários metafictícios e de personagens que se assemelham ao escritor. Outro problema é que esse é um terreno fácil de ser evitado, já que nada que Helder Macedo propõe é simples, e as referências históricas, as intertextualidades e as brincadeiras que faz com gêneros textuais e estilos de época tornam-se igualmente instigadoras e desafiantes graças à mesma voz irônica e metaficcional, tornando os desvios à espinhosa questão perfeitamente possíveis e justificáveis. Todavia, é ainda essa a voz que faz com que forma e conteúdo ajam em uníssono. “Matéria pura em busca de forma. Ou pura forma de que matéria?” (Macedo, 1991a, p. 78), diria o narrador de Partes de África (1991a). Nem uma coisa, nem outra, já que seus romances não são “nada do que tradicionalmente se considera romances, em que há o esqueleto por fora a dar forma à metáfora, como as lagostas” (Macedo, 1991a, p. 113). Isto é, não se trata de preencher a estrutura, o exoesqueleto da lagosta, com o conteúdo ou, na operação inversa, lapidar o conteúdo em uma forma desejada, mas, antes, entender que a transgressão de fronteiras, os oxímoros, a opção pelos seus autores de eleição e todas as demais obsessões são, para além de dados estruturais ou estéticos, significantes que agem em conjunto com os demais elementos do romance.

É digno de nota que, nessa entrevista aqui citada, Helder Macedo, apesar de estar falando dela, evite mencionar a palavra autoria, talvez dotado pelo mesmo instinto de sobrevivência e autopreservação que tive até esse exato momento. Talvez ele buscasse evitar todo o tipo de (pré)concepções que o termo carregasse, preferindo, antes, que seu interlocutor estivesse aberto às suas ideias.

Teresa Cristina Cerdeira, na apresentação de seu livro de ensaios *A mão que escreve* (2014), ao justificar o título, recupera todas essas (pré)concepções acerca da autoria, ora tratada como a origem de todos os significados, ora obliterada em nome do foco no texto. Concordo com ela quando diz que olhar novamente para essa figura não precisa significar, necessariamente, um retorno ao biografismo e aos modelos antigos de análise textual, pois há textos que nos impelem a um novo ponto de vista. Diz ela em sua justificativa que

[...] se para além do sentido há que se contar com as múltiplas significações, se para além da origem há sempre uma história da leitura, se mais que explicar é preciso interpretar com base no corpo sensível da linguagem, a “mão que escreve” estará contudo sempre lá, e ela não elide o corpo que está por trás do texto. Não elide, sobretudo, uma vontade, uma escolha, uma intenção que constituem, neste caso, por exemplo, a seleção consciente de uma biblioteca, a bagagem pessoal do viajante, os contrabandos culturais que ele carrega consigo e de que se serve a sua vontade ou revelia (Cerdeira, 2014, p. 8).

Trata-se, portanto, de uma metonímica mão que escreve, inteligente metáfora de Teresa Cristina Cerdeira (2014) para continuar falando de autoria sem assustar a todos, afinal trata de reconhecer o que há no interregno do total apagamento dessa figura e da sua completa centralidade. Digo, ainda, que, no caso de Helder Macedo, trata de reconhecer o que há de significativo em suas escolhas, seus posicionamentos. Então, se Teresa Cristina Cerdeira (2014) ousa pisar nesse pântano, desejo eu me chafurdar e dar um passo a mais, já que foi o texto que assim quis, repleto que estava de sinalizações que levam a refletir acerca do que é externo: outros textos do mesmo escritor, dados autobiográficos, referenciais históricos, reflexões acerca da autoria, etc. Ora, não faltam comentários metaficcionais instigando a pensar o aqui fora: o colonialismo, a história, a autoria, o mercado literário, a crítica literária, os prêmios literários, etc.

Sendo o texto, portanto, o “Senhor”, fiquemos apenas com a tão significativa mão: a que escreve e a que seleciona e carrega a bagagem do viajante, porque me interessa não tão somente a escrita, ou seja, o corpo do texto, mas compreender como os itens que escolhe para levar em sua valise preenchem de significado a própria viagem.

Sobre essa bagagem, é necessário pontuar que a vontade ou revelia de sua influência podem assumir diversas proporções de viajante em viajante, assim como

a explicitação do seu uso. Porém, no ponto em que nos encontramos, penso que o leitor já espera que eu afirme que com Helder Macedo há bastante vontade, e vontade declarada de mostrar-se ali fazendo aquelas escolhas: metaficcionalidade, recorrência de temas/intertextualidades/estruturas, personagens que se confundem com o autor, etc. Para ele, tudo são escolhas, afinal, retomando uma última vez a entrevista já citada, “Mesmo em ensaios sobre obras literárias, se se escolhe aquele autor e não outro, é já uma opção.” (Macedo, 2017a, s/p). Cabe entender, portanto, a dimensão dessas escolhas.

## **Helder Macedo e seus contemporâneos**

Em um curto e pouco comentado ensaio intitulado “‘Vanguarda literária’ e ‘vanguarda ideológica’” (1975), publicado na *Revista Colóquio Letras*, Helder Macedo propõe importantes reflexões para que se compreenda a relação entre o literário e o político, ou seja, para que se compreenda a relevância das escolhas feitas por cada escritor. De acordo com ele:

Escrever é antecipar-se, tentar dizer aquilo para que ainda não há linguagem feita, e, para o dizer, fazê-la; não é tentar fazer linguagem nova para repetir aquilo que tornará essa linguagem repetida também, inevitavelmente. Escrever, neste sentido, é sempre o exercício da vanguarda literária e só nesse sentido há vanguarda literária: como a prática que resulta num alargamento do campo semântico da expressão humana. Paralelamente, vanguarda ideológica é também a prática da antecipação, que resulta num alargamento do campo social (Macedo, 1975, p 17).

Escrever, portanto, é sempre dar nome ao que ainda não tem ou, ainda, um exercício ficcional de utilizar as palavras para ir além do já-dito e, assim, forjar uma outra realidade possível. Desta forma, alarga-se o campo semântico para que a vanguarda ideológica, em posse dessas novas ferramentas, seja capaz de alargar o campo social. Assim explicam-se as relações entre o literário e o político, pois “o escritor é um cidadão que escreve; e, se alguma coisa, o alargamento do campo social em que se exprime a vanguarda ideológica implica a necessidade do alargamento do campo semântico em que se exprime a vanguarda literária” (Macedo, 1975, p. 18). Em outras palavras, o real não é linguagem, mas pode ser transformado por meio de novas formas de significar o mundo e de práticas empíricas que deem vazão a esse novo mundo imaginado. Não seria isso, afinal, ser poeta em anos de prosa?

A capacidade de imaginar e significar o mundo de forma diversa, essa rebeldia revolucionária em não aceitar a realidade dada, é o que, em minha opinião, une os escritores que Helder Macedo elege como sua tradição literária, a partir do que pode

verificar nos ensaios que dedica a eles. Não seria essa, afinal, a postura contemporânea da qual fala Giorgio Agamben (2003)? Segundo ele, contemporâneo é

[...] aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de citá-la segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência a qual ele não pode responder. É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse sua sombra sobre o passado, e este, tocado por este facho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora (Agamben, 2003, p. 73).

Em outras palavras, Helder Macedo não se deixa cegar pela luz do presente e, ao colocá-lo em relação com o passado, dota-o da capacidade de nos responder acerca das angústias de agora. “Contemporâneos são todos aqueles com quem vivemos” (Macedo, 2017b, p. 11), são as palavras de Helder Macedo na nota introdutória de sua coletânea de ensaios – vencedora do prêmio Camões em 2018, diga-se de passagem – intitulada *Camões e outros contemporâneos* (2017b). Se esses contemporâneos ainda vivem com ele – e conosco – é porque eles foram capazes de articular questões que ainda são urgentes. Qual o apelo de Camões, de Machado de Assis, de Garrett? Confesso que só fui entender melhor estes mestres após ler esse outro de quem falo, pois ele soube repeti-los em diferença de modo a apontar a relevância de suas obras para o nosso presente: seja na poesia, na prosa ou no ensaio.

A ideia de significar o mundo de outra maneira a fim de criar uma outra realidade possível é, por exemplo, central na discussão que Helder empreende acerca de *Viagens na minha terra* no ensaio “Viagens na minha terra e a menina dos rouxinóis” (1979). A viagem ali narrada, uma vez tornada símbolo, diz respeito à marcha do progresso social português com base em duas posturas antagônicas: o materialismo, representado por Sancho Pança e o espiritualismo, representado por D. Quixote, ambos personagens de Cervantes. No entanto, tais posturas, ainda que distintas e opostas, se alternam e caminham juntas. O dito progresso é, portanto, mais “uma alternância linear de opostos co-existentes do que [...] uma polarização dinâmica de opostos complementares – o que tem mais a ver com dicotomia do que com dialética.” (Macedo, 1979, p. 17), não podendo, portanto, ser sequer caracterizado como progresso – ou seja, alternâncias de poder que não abalam as estruturas sob as quais se assentam. Em outras palavras, o relacionamento desse par antagônico – espiritualismo e materialismo – só acontece no interior desse jogo hierárquico no qual um se sobrepõe ao outro em uma antítese neutralizante da antítese anterior, caracterizando-se como um falso dilema. Para interromper com esse looping e de fato progredir seria preciso romper com a estrutura vigente a partir de uma concepção de mundo capaz de romper fronteiras e desintegrar

essas dicotomias; ou, ainda, a partir do alargamento do campo semântico para o consequente alargamento do campo social. Por isso, “É também para modificar o mundo que Garrett procura entendê-lo” (Macedo, 1979, p. 17) e, assim, explica-se o encantamento que lhe causa o título “Poeta em anos de prosa”, afinal, materialismo e espiritualismo também definem as disputas entre miguelistas (monarquistas) e liberais (republicanos), sendo reflexos diferentes de uma mesma coisa, dado que “Uns imaginam o mundo, outros constroem-no. São modos complementares de ser e ambos merecem simpatia. Também há quem construa um mundo imaginário e, nesse caso, depende” (Macedo, 1991a, p. 29).

Essa é uma discussão muito cara para o narrador de *Partes de África* (1991a), que revela que, em sua família, figuram as duas pontas dessa oposição “meu avô republicano ainda imaginava e meu pai começava a construir” (Macedo, 1991a, p. 29). De um lado, seu pai, que “não era homem dado a metáforas e o seu estilo, que Stendhal aprovaria, era o caminho mais rápido entre um nome e um verbo” (Macedo, 1991a, p. 10). Trata-se, portanto, de um homem prático, que, em lugar de imaginar, construía o mundo imaginado pelos outros trabalhando como administrador de colônias durante o colonialismo português em África. O avô, por seu turno, idealista, ainda imaginava republicanismos, mas não percebia que, enquanto isso, o imaginário de outrem estava sendo realizado. Por esta razão é que tais posturas, isoladas, não são capazes de ser engendrar novas realidades, sendo necessária, para tal, a conjunção de ambas. Por isso, também, é que os construtores de império e os poetas guardam o terrível segredo de não ter nada a dizer. Uns, por concretizarem a visão de mundo alheia – como o pai –, outros, por ficarem restritos à sua própria prática poética, sem consequências práticas ou relação com o mundo circundante.

Ser “poeta em anos de prosa” tal como Macedo professa ser em *Partes de África* (1991a) é uma forma de disputa pela significação do real, criando uma linguagem que ultrapasse as fronteiras do mundo dicotômico, positivista, racionalista. Talvez por isso, Marisa Corrêa Silva afirme:

Assim vemos o escritor Helder Macedo: como o autor de uma literatura que se sabe produtora do real, até certo ponto - e por isso mesmo a um só tempo - maravilhada e angustiada com a responsabilidade que lhe cabe de propor e lidar com o absurdo das perguntas, afinal irrespondíveis, da humanidade (Silva, 2002, p. 304).

Vale notar que ainda que o leitor possa interpretar e encaixar as peças desses mosaicos criados por Helder Macedo “segundo o amor que tiver” (Macedo, 1991a, p. 41), há neles um posicionamento claríssimo acerca do papel da literatura, de como esse escritor desejaria ser classificado ou compreendido, do que pensa da história, do mundo, da política, etc. Posicionamentos que podemos acatar, ou não, segundo o amor que tivermos. Uma questão de escolhas.



A questão da significância da escolha é, também, ponto nevralgico para o entendimento de Machado de Assis por Helder Macedo, uma discussão que pincelarei aqui e que foi compartilhada em ensaio intitulado “Machado de Assis: entre o lusco e o fusco” (1991b). Nesse ensaio, Helder destaca o caráter inerentemente político das escolhas feitas por Machado, postulando que sua genialidade advém não tão somente da engenhosidade formal de seus romances, mas de sua rebeldia frente ao status quo. É sugerido ao leitor um exercício ficcional: como a sociedade da época – positivista, determinista – teria recebido um romance no qual o protagonista possuísse as mesmas características e história de vida que Machado de Assis? Segundo Helder Macedo, “[...] o mais provável é que o romance fosse acusado por frivolidade, irrelevância, escapismo, alta traição à realidade social objetiva” (Macedo, 1991b, p. 8) e, portanto, um destino trágico seria mais verossímil à lógica da época do que aquilo que, felizmente, ocorreu na realidade. Diante desse cenário, Machado “teria tido boas razões para ponderar, como ponderou, sobre quanto há de precário na lógica de causa e efeito praticada pelo realismo e quanto há de tautológico no determinismo que lhe serviu de base científica” (Macedo, 1991b, p. 9) Ainda segundo ele,

[...] a essência do realismo é a verossimilhança, e a verossimilhança não é mais do que a confirmação de expectativas fundamentadas numa lógica de causa e efeito. Ou como diz o personagem de Dom Casmurro, “a verossimilhança é muita vez toda a verdade”, afirmação que serve também para significar que, muita vez, também não é (Macedo, 1991, p. 8).

Ora, a ideia de verossimilhança pressupõe aceitar a ordem imposta e ser fiel a ela. Machado soube, portanto, de forma magistral, ironicamente aceitar o *zeitgeist* positivista, de defesa das hierarquias e do direito à dominação e subjugação das minorias, ou seja: incorporá-lo apenas para o negar. É esta ideia que está na base de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1997b), *Quincas Borba* (1997c), *Dom Casmurro* (1997d) e *Esau e Jacó* (1997e), nos quais Machado viola todas as regras dessa lógica sem lógica do positivismo para colocá-lo à nu. Percebam a ousadia: fazer troça do determinismo em seu próprio seio. E uma troça tão bem-feita que, por décadas, acreditou-se, ingenuamente, na culpa de Capitu.

O protagonista de *Dom Casmurro* (1997d), segundo Helder Macedo, é “o mais verossímil dos confirmadores de expectativas fundamentadas numa aparente lógica de causa e efeito e o exemplo mais acabado de ‘narrador suspeito’ na literatura de língua portuguesa” (Macedo, 1991b, p. 14), sendo ele “a grande síntese e a culminação estética da dialética machadiana sobre verossimilhança e verdade, determinismo e responsabilidade, inerente aos dois livros anteriores” (Macedo, 1991b, p. 14). Entendo por essa fala que a verossimilhança é a tentativa de se aproximar daquilo que se pensa ser verdade, mas não é, necessariamente, a



realidade dos fatos, apenas a visão hegemônica e mais bem aceita; enquanto que o determinismo é uma retórica voltada à desresponsabilização, que sustenta a posição hegemônica dos sujeitos no interior daquilo que se propaga como a verdade. Esse é o procedimento de Bento Santiago ao incorporar, em seu discurso, as relações de causa e consequência tipicamente deterministas para condenar Capitu por meio de “fatos significativos”, à la Taine, e provar que o futuro já estava contido no passado, assim como “a fruta estava contida na casca” (Assis, 1997d, p. 35). Culpando Capitu e suas tendências, desde pequenina, à dissimulação, ele se exime da própria culpa pelo fracasso do casamento. Ainda, Bentinho é uma sucessão de escolhas que foram feitas por ele – primeiro pela mãe e suas promessas, depois por José Dias.

Qualquer outra alternativa teria pressuposto para si a possibilidade de escolha ou - termo mais adequado ao seminarista que Bento Santiago nunca deixou de ser - de livre arbítrio, com a sua inescapável dimensão de responsabilidade. Desta perspectiva, o problema fundamental que Machado levanta em Dom Casmurro é o problema da escolha. Que o tenha sabido fazer nas entrelinhas de uma narrativa que visa demonstrar exactamente o oposto - que nega a possibilidade de haver escolha - dá bem a medida do seu gênio (Macedo, 1991b, p. 15).

A culpa está sempre em outrem, assim como a culpa por Brás Cubas jamais ter concluído a empreitada do emplastro está em uma gripezinha, e jamais em sua própria incapacidade. Bentinho e Brás Cubas ocupam uma posição social que lhes garante o direito à hegemonia, para a qual a lógica de causa e efeito determinista é a manutenção, pois legitima esse lugar e desresponsabiliza os sujeitos que o ocupam pelos seus próprios fracassos.

Helder Macedo (1991b) ainda lembra que apesar de *Memórias Póstumas* (1997b) e *O mulato* (2019) serem do mesmo ano – 1881 –, são recebidos de forma diversa: “A crítica recebeu entusiasticamente essa obra paradigmática do naturalismo brasileiro enquanto exprimia sérias dúvidas sobre se aquilo que Machado de Assis tinha escrito era mesmo um romance” (Macedo, 1991b, p. 10). Com o tempo, porém, as *Memórias Póstumas* (1997b) foram aceitas e elevadas ao cânone, mas não sem que, antes, se apagasse a ideia de Machado como um gênio rebelde, revolucionário, descontente com as formas atuais de significar o mundo; preferindo-se a imagem do “cidadão de bem”, funcionário público, o mulato gago que venceu apesar de tudo. Além disso, os sentidos políticos mais amplos são obliterados em prol das virtuosidades estéticas de seus romances, privilegiando os empréstimos dos modelos estrangeiros (Lawrence Sterne, Diderot, Xavier de Maistre), em lugar de olhar para as diferenças impostas pelas esferas social, cultural e política, não só relacionadas ao Brasil, mas também ao seu autor. Machado foi, portanto, mitificado, mas não sem antes ser neutralizado no que havia de subversivo.

Como isso ainda nos interessa como questão? Interessa se lembrarmos que aqueles que considero meus inimigos estão repetindo as mesmas ideias da época de Machado de Assis de maneiras diferentes. Firmando suas visões de mundo. Pense, por exemplo, na discussão atual pelo fim da escala de trabalho 6x1 e algumas das respostas a ela: há quem pregue que o fim dessa escala, que prive os indivíduos do descanso e do lazer, prejudicaria a economia, assim como muitos alegavam acerca do fim da escravidão. Na verdade, quaisquer avanços sociais são acusados de danificar a dita economia, enquanto subsídios e isenções sem fim para os latifundiários, donos do agro, e para os bilionários e empresários são vistos como investimento. Uma questão de escolha lexical, não? O homossexual degrada a família burguesa, meu filho não entrou na universidade por conta das cotas, foi assediada por estar com roupas curtas. Pobre do Brás Cubas! Teria sido grandioso com seu emplastro, não fosse uma gripezinha. Capitu certamente traiu Bentinho, pois foi dissimulada desde criança. Em suma, a lógica determinista é de uma causa e consequência malucas, mas ainda vigora e exime os “eleitos” de suas culpas e fracassos, garantindo a manutenção de suas posições de poder.

Ideias similares figuram no ensaio “Luís de Camões então e agora” (2010), publicado na revista *Outra Travessia*. Se Machado de Assis soube incorporar o positivismo para negá-lo e significar o mundo de outra maneira, Camões, por seu turno, “insere-se na tradição ocidental que inclui Dante, Petrarca e, em termos mais amplos, o neoplatonismo renascentista [...]” (Macedo, 2010, p. 16), mas promove sutis deslocamentos semânticos a essa tradição, “modulando a linguagem do passado para significar uma nova visão do mundo para a qual ainda não havia linguagem feita.” (Macedo, 2010, p. 16). Desta forma, foi capaz “de um radicalismo tão extremo que, no contexto da ortodoxia contrarreformista, muitas vezes atingiu as fronteiras da heresia” (Macedo, 2010, p. 16) ao propor “uma nova experiência de uma vida individual no mundo real que contrapõe ao absoluto da ordem divina o relativismo da ordem – ou desordem – humana” (Macedo, 2010, p. 16). Outro poeta da negação da ordem imposta, portanto.

A questão que coloca, no entanto, é que, para que se compreenda esse potencial subversivo da obra camoniana e a visão de mundo que dá forma às suas obras, é necessário compreender Camões como um homem do mundo. Sua canonização e mitificação, no entanto, transformando-o em símbolo nacional, acabam por apagar características indesejáveis, obstruindo a compreensão de sua obra e neutralizando-o. Segundo Helder Macedo,

Poucos poetas mereceriam menos o destino póstumo de monumento nacional que Luís de Camões. Fixá-lo numa imagem de grandeza estereotipada é neutralizar a grandeza real de quem preferiu ao conforto das ideias recebidas à precária demanda de experiências ainda sem nome (Macedo, 2010, p. 15).

Ainda, ao comentar o conteúdo de algumas das cartas camonianas de que se tem registro, que o revelam como alguém constantemente envolvido em brigas de rua, frequentador de bordéis e libertino, pondera:

Tais comentários fazem, no mínimo, ponderar se a tão frequentemente proclamada ortodoxia petraquista de Camões teria sido assim tão ortodoxa. Mas a crítica tradicional sempre se scandalizou com os comportamentos sociais do cidadão, sistematicamente dissociando-os da sua escrita poética talvez por querer acreditar que Camões – tal como afinal ela própria – tivesse podido funcionar em compartimentos estanques (Macedo, 2010, p. 20).

Com essa citação, retornamos à entrevista do início. É possível considerar o escritor Helder Macedo em compartimentos estanques? Dissociando sua atuação como poeta, como romancista, como ensaísta e, por que não, como figura de interesse público que dá entrevistas, comenta as próprias obras e o contexto político britânico? Isolando a linguagem e focando pura e unicamente no texto? Ao menos para Helder, de acordo com o que ele diz no trecho há pouco lido, a resposta seria uma negativa, pois foi justamente descompartimentalizando a figura de Camões, ou seja, restituindo todas as faces ao poeta e dessacralizando-o, o que tornou possível a percepção de sua diferença em relação à tradição, aquilo que modifica no petrarquismo que absorve. Para Helder Macedo, o poeta, ou aquele que mandou cartas ou que escreveu a epopeia ou que redigiu peças de teatro ou que andou por Goa e Portugal, não funcionam em compartimentos estanques – algo que se estende à própria consideração que faz de si e de sua prática como escritor: poeta, romancista e ensaísta. Desta forma, olhar para além do texto macediano, tal qual somos constantemente instigados, mostra-se bastante produtivo, pois nos permite enxergar com maior contundência a relevância das escolhas intertextuais.

Afinal, a opção por Machado de Assis, ou Camões, ou Almeida Garrett (e mesmo todas as outras escolhas que faz em sua obra) não estaria intimamente ligada ao contraponto que o próprio Helder Macedo faz à ordem hegemônica quando questiona a verdade una, nos leva a refletir acerca da verossimilhança, recheia sua narrativa de oposições insolúveis, propõe finais inconclusivos, multiplica os sujeitos ou critica o colonialismo? Não estaria ele, também, propondo uma nova forma de significar o real, não mais pautada em pares dicotômicos em relação de hierarquia?

## **Considerações finais**

Como já vem sendo discutido, esse seria, para Macedo, o ponto de partida para ser poeta: não se trata simplesmente de escrever em versos, mas, antes, de ter a capacidade de ir além das palavras como forma de abrir o espaço entre a morte

de antes de termos nascido e aquela após termos vivido às múltiplas possibilidades. Esse não é só um posicionamento estético e teórico-literário, mas também ético e político, dos quais tanto a forma (independente de qual seja) como o conteúdo são expressão. Essas escolhas demarcam a visão de mundo do escritor em relação ao pensamento colonial e seus binarismos, ao pensamento racional da modernidade, à supremacia de um sobre o outro, aos preconceitos, à noção de subjetividade – incluindo a sua própria –, à literatura, a ser um poeta/escritor, à crítica literária afeita a categorizações, etc. Dessa forma, ser poeta é uma escolha política.

Para ir além das palavras, entretanto, é necessário, antes, a capacidade de vislumbrar outras possibilidades de si e do mundo, como na brincadeira com os mapas, na qual se mudam fronteiras, localizações, passados e futuros históricos, ao mesmo tempo em que também se alteram “os nomes daqueles que nesses sítios existiram, as circunstâncias, as relações de família ou de amizade, atando as pontas das várias vidas reais e imaginadas com os nós verdadeiros dos laços fingidos” (Macedo, 1991a, p. 10-11), num exercício de livre-arbítrio que recusa a ordem do mundo oferecida e do qual não escapa a própria ideia de autoria, latente de outros “eus” possíveis. Dessa forma, ser poeta é cultivar a representação na sua forma mais subversiva: privilegiar a diferença – e não a semelhança – daquilo que se apresenta, seja em estado romanesco ou poético.

No início deste texto, sugeri que olhássemos para figura do escritor, mesmo arriscando proximidade com um terreno pantanoso como o da autoria. No entanto, o perigo é inevitável, pois o que vejo nos ensaios, poesias, romances, comentários metaficcional e na própria estrutura das obras de Helder Macedo é um autor que não abre mão de sua própria voz, seu ponto de vista, sua visão de mundo. Isso é verdade até mesmo em relação aos diálogos intertextuais, como espero que tenha sido capaz de demonstrar, pois eles não são meras citações ou perspectivas já sedimentadas sobre os escritores que elege, mas carregam uma visão bastante específica e inovadora de suas obras, saturada da voz e opiniões do próprio Helder Macedo. Ao mesmo tempo, este é um escritor que não deseja possuir a última palavra e se colocar como detentor de toda a verdade. Pelo contrário, instiga os leitores a refletirem acerca do que coloca e os encoraja a, também, ultrapassarem fronteiras. E como uma obra sua sempre complementa a outra, fazendo ecoar em diferença as mesmas questões, finalizo com um poema que perfeitamente ilustra e conclui o que foi dito até então:

[...] Quero abrir o que as palavras não descrevem  
por já não responder ao sim e ao não  
do meu espelho conheável.  
Já não me basta apenas dar um nome  
à morte que me cabe enquanto vivo  
porque morrer é ter perdido a morte

para sempre  
tornando sem sentido o sim e o não  
com que me circundei e defini-me.  
Conheço-me as fronteiras,  
Quero o resto (Macedo, 2000, p. 79).

PIRES, N. M. Helder Macedo and his contemporary: dialogues with Machado de Assis, Camões and Almeida Garrett. **Itinerários**, Araraquara, n. 60, p. 49-63, jan./jun. 2025.

■ **ABSTRACT:** *Helder Macedo's work – essayistic, novelistic, poetic – has, in each of them, echoes of the others. For some time now, specialized critics have noticed recurrences, whether thematic – such as dreams and borders –, intertextual – invoking his favorite authors, as is the case of Almeida Garrett and Machado de Assis – or metafictional – encouraging questions about authorship or the limits between reality and fiction, for example. Such schisms highlight the fact that works of art are not closed in themselves and that the many faces of an author do not function in sealed compartments, separated from each other. Therefore, in analytical work, it is often necessary to go beyond the text presented to us if we wish to swim in deeper waters, a need that becomes much more severe in a work as self-referential as Macedo's one. The aim, therefore, is to contribute to the understanding of Helder Macedo's work through the essays he dedicates to his favorite authors and with whom he maintains a constant dialogue – both in novels and poetry –, pointing out how his intertextual choices aren't mere aesthetic facts, but the ethical and political positioning of its author.*

■ **KEYWORDS:** *Helder Macedo. Portuguese Literature. Intertextuality. Authorship.*

## REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Santa Catarina: Argos, 2009.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Ressurreição**. São Paulo: Click Editora/O Estado de São Paulo, 1997a.

\_\_\_\_\_. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Click Editora/O Estado de São Paulo, 1997b.

\_\_\_\_\_. **Quincas Borba**. São Paulo: Click Editora/O Estado de São Paulo, 1997c.

\_\_\_\_\_. **Dom Casmurro**. São Paulo: Click Editora/O Estado de São Paulo, 1997d.

\_\_\_\_\_. **Esaú e Jacó**. São Paulo: Click Editora/O Estado de São Paulo, 1997e.

AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. 3. ed. São Paulo: Editora Principis, 2019

MACEDO, Helder. “Vanguarda ideológica” e “vanguarda literária”. **Revista Colóquio/Letras**, Lisboa, n. 23, p. 17-19, jan. 1975. Disponível em: <http://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issueContentDisplay?n=23&p=17&o=p>. Acesso em: 15 ago. 2024.

\_\_\_\_\_. As “Viagens na Minha Terra” e a Menina dos Rouxinóis. **Revista Colóquio/Letras**, Lisboa, n. 51, p. 15-24, set. 1979. Disponível em: <https://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issueContentDisplay?n=51&p=15&o=p>. Acesso em: 15 ago. 2024.

\_\_\_\_\_. **Partes de África**. Lisboa: Presença, 1991a.

\_\_\_\_\_. Machado de Assis: entre o lusco e o fusco. **Revista Colóquio/Letras**, Lisboa, n. 121-122, p. 7-38, jul. 1991b. Disponível em: <http://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issueContentDisplay?n=121&p=5&o=p>. Acesso em: 15 ago. 2024.

\_\_\_\_\_. Orfeu. In: \_\_\_\_\_. **Viagem de inverno e outros poemas**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. Luís de Camões então e agora. **Revista Outra travessia**, Florianópolis, n. 10, p. 15-54, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2010n10p15/17299>. Acesso em: 15 ago. 2024.

\_\_\_\_\_. “Este livro está cheio de mortos, mas para mim estão vivos”. [Entrevista concedida a] Luís Miguel Queirós. **Jornal Público**, Lisboa, 3 mar. 2017a. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/03/03/culturaipsilon/noticia/este-livro-esta-cheio-de-mortos-mas-para-mim-estao-todos-vivos-1763441>. Acesso em: 15 ago. 2024.

\_\_\_\_\_. **Camões e outros contemporâneos**. Lisboa: Editorial Presença, 2017b.

CERDEIRA, Teresa Cristina. **A mão que escreve**: ensaios de literatura portuguesa. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014. *E-book*.

\_\_\_\_\_. Romance: Helder Macedo e Bernardim Ribeiro. In: \_\_\_\_\_. **Formas de ler**. Belo Horizonte: Moinhos, 2020. *E-book*.

DANTAS, Gregório Foganholi. **Metáforas da História: uma leitura dos romances de Helder Macedo**. Orientadora: Vilma Sant’Anna Arêas. 2009. 219f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto dos Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

\_\_\_\_\_. Restaurações e impasses na ficção de Helder Macedo. In: Simpósio Internacional de Letras e Linguística. **Anais [...]**, v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011a. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/1392.pdf>. Acesso em: 05 out. 2021.

SILVA, Marisa Corrêa da. Helder Macedo, construtor do imaginário. In: CERDEIRA, Teresa Cristina (org.). **A experiência das fronteiras**. Rio de Janeiro: EdUFF, 2002. p. 297-304.

